
Introdução a “*Propaganda pela acção*” (1877) de Paul Brousse

João Tiago Proença



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cp/709>

DOI: 10.4000/cp.709

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Referência eletrónica

João Tiago Proença, « Introdução a “*Propaganda pela acção*” (1877) de Paul Brousse », *Comunicação Pública* [Online], Vol.9 n15 | 2014, posto online no dia 30 junho 2014, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cp/709> ; DOI : 10.4000/cp.709



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Introdução a “Propaganda pela acção” (1877) de Paul Brousse

João Tiago Proença

EDITOR'S NOTE

Por decisão do autor, a norma bibliográfica utilizada é a NP405.

- 1 A 5 de Agosto de 1877, Paul Brousse¹ assina, no *Bulletin de la Fédération Jurassienne*, o texto, agora traduzido, intitulado *La Propagande par le fait*. O artigo põe em circulação a expressão². A paternidade pode, no entanto, ser alheia. Segundo James Guillaume, terá sido o anarquista italiano Andrea Costa a cunhar a expressão, durante uma conferência precisamente intitulada *propaganda pela acção*, que teve lugar em Genebra. Escreve Guillaume: “A lotaria que se seguiu à conferência foi muito frutuosa. Permitiu-nos fazer vir o companheiro Costa, Sábado, 9 de Junho, para nos dar uma conferência em francês sobre o tema: a propaganda pela acção”.³ Desconhece-se o conteúdo da conferência de Costa, mas o tema estava no coração do pensamento revolucionário: tratava-se de esclarecer os trabalhadores, para que estes fossem os agentes da sua emancipação.
- 2 O marxismo resolvia o problema através da unidade da teoria e da prática, com todas as mediações habituais: consciência de classe e o Partido como vanguarda da classe operária; já o anarquismo encontra aqui algumas dificuldades, dada a recusa do centralismo marxista. Bakunine confronta-se com o problema num artigo publicado no periódico *L'égalité*⁴. A massa operária é incapaz de se esclarecer porque lhe faltam as condições práticas, e porque o esgotante trabalho quotidiano a torna “ignorante” e “miserável”; o “operário isolado é demasiadamente esmagado pelo seu trabalho e pelas suas preocupações diárias para que tenha tempo suficiente para dedicar à instrução”, e falta-lhe por isso “o pensamento socialista”. O que não lhe falta é “a necessidade real das aspirações socialistas”, significando isto que “a massa operária” é “socialista sem o saber”. A questão que se colca é a de saber quem poderia ser já socialista no pensamento

para esclarecer a massa, torná-la consciente, “dar-lhe [ao trabalhador] plena consciência [...], fazer nascer nele um pensamento que corresponda ao seu instinto, pois, a partir do momento em que o pensamento das massas operárias seja elevado ao nível do seu instinto, a sua vontade será decidida e a sua força tornar-se-á irresistível”. Mas, se a sociedade ainda não está moralizada, a instrução e a propaganda, o “pensamento socialista”, viriam de fora – produto importado relativamente às necessidades dos trabalhadores – e não teriam a chancela de origem proletária. Ora, tal como Marx já apontara na terceira das *Teses sobre Feuerbach*, também Bakunine verifica que a sociedade ficaria dividida em duas, cabeça e braços, em que uma pensa e esclarece a outra, necessariamente contra os interesses dela. A emancipação deve ser, pois, prática. “Qual pode e deve ser esta prática? É só uma. É a da luta solidária dos operários contra os patrões. São os sindicatos, a organização e a federação dos núcleos de resistência.”⁵

- 3 Para Brousse, trata-se antes de motivar para a luta, na medida em que, permanecendo teórica, a propaganda é ineficaz, e, por outro lado, a acção da vanguarda consciente, enquanto organização, congrega os já convencidos e é rotineira. A acção deve realizar *hic et nunc*, em pequena escala, a emancipação completa, tornando compreensível na vida o que a propaganda teórica só pode fazer em palavras. Tudo se passa como se, para Brousse, os hábitos e a alienação teórica, além da prática, impossibilitassem que o mundo antigo se juntasse ao novo – o anquilosamento das gerações mais velhas impermeabilizá-las-ia por completo quanto à propaganda teórica⁶. A propaganda pela acção seria assim a aula prática, que, em si, não implica violência. A nova organização da vida, porém, comporta a destruição da organização da antiga, e aqui intervém a violência, que é a violência do parto revolucionário.
- 4 Mas Brousse introduz uma nota que fará fortuna. É preciso, afirma, chamar a atenção de homens cujos modos de vida os afastam da propaganda teórica. Os actos devem ser espectaculares, será a lição que alguns tirarão a partir do congresso de Londres de 1881, inaugurando assim a deriva terrorista do anarquismo, onde a finalidade do atentado passará a ser a sua repercussão pública – a propaganda pela acção torna-se atentado⁷.

NOTES

1. Paul Brousse (1844-1912), médico de formação, juntou-se à causa anarquista. Em 1879 é preso, o que o terá levado a rever as suas posições políticas anteriores, tendo evoluído para o reformismo possibilista. Depois de uma longa carreira política, regressou, no fim da vida, à medicina psiquiátrica.

2. Apesar de identificada a expressão e o autor, várias exposições gerais do anarquismo não referem de todo Brousse, como é o caso de Joll, J., *Anarquistas e Anarquismo*, Lisboa: Dom Quixote, 1970 [1964], ainda que dedique todo um capítulo (III Parte, cap. V, pp.135-172) a “Terrorismo e propaganda pela acção”. Em português a melhor exposição geral (e também sobre Brousse) continua a ser Woodcock, G., *O Anarquismo*, Lisboa: Editora Meridiano, 1971 [1962].

Apesar de o conceito ter sido cunhado nessa altura, independentemente do rigor na identificação do seu autor, ele surgira já na pena de Carlo Pisacane (1818-1857), militar italiano anarquista, oriundo de uma família nobre empobrecida. No seu Testamento Político, afirma que “[...] esta

minha convicção nasce de outra, a saber, que a propaganda da ideia é uma quimera, que a educação do povo é um absurdo. As ideias resultam dos factos, e não estes daqueles, e o povo não será livre quando for educado, mas será educado quando for livre. Que a única obra que um cidadão pode fazer para ajudar o país é cooperar na revolução material, por isso as conspirações, as conjuras, as tentativas, etc. são a sequência de factos através dos quais a Itália avança para a sua meta. O reluzir da baioneta de Milão foi uma propaganda mais eficaz que mil volumes escritos por doutrinários, que são a verdadeira peste do nosso, como de todos os países.” (“Testamento Político”, in *“Saggio sulla rivoluzione”*. Bolonha: Libreria Treves, 1894, p. 267.

A expressão foi traduzida inicialmente por “propaganda pelo facto” (cf. nota 4), mas caiu em desuso e foi substituída pela forma, hoje canónica, propaganda pela acção; a tradução adopta este traslado.

3. Guillaume, J., *L'internationale, documents et souvenirs (1864-1878)*, Tomo 4, P.V. Stock, 1910, p. 206. Mais à frente, Guillaume, redactor do *Bulletin*, conjuntamente com Brousse, resume o artigo, transcrevendo extensos excertos (pp. 224-227).

4. O que se segue apoia-se na segunda parte do artigo “Política da Internacional”, II, *L'Égalité*, nº 30, 14 de Agosto de 1869 (trad. port. *O socialismo libertário*, Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1976, pp. 63-68).

5. Que a propaganda pela acção derivava do revolucionário russo, não escapou a Silva Mendes no seu *Socialismo libertário ou Anarquismo: história e doutrina*, 1896. No capítulo V desta obra, intitulado *A propaganda pelo facto*, escreve o autor “A propaganda anarquista pelo facto data propriamente dos últimos anos da evangelização de Bakunine”. E mais à frente: “Note-se, porém, que Bakunine nunca preconizou a propaganda pelo facto individual. O seu ideal revolucionário era a ‘insurreição armada das comunas’ – o que diverge em muito da pretendida teoria moderna da propaganda pelo facto individual com acompanhamento de bombas! Não obstante, os actuais anarquistas militantes podem reivindicar a figura de Bakunine para a galeria dos seus ascendentes; porque, embora tenham desvirtuado o processo recomendado pelo mestre, generalizando-o ao atentado, conservam o princípio mecanista do amorfismo pela pandestruição” – respectivamente, pp. 155 e 157 (ortografia actualizada).

6. Num periódico anarquista português, *Os bárbaros*, n.º1, 1895, em texto intitulado *A propaganda pelo facto* e assinado Tin-Tin (pp.7-10), ecoa o mesmo conflito de gerações: “A propaganda pelo facto é legítima e necessária; é o tiro de alarme que vai despertar os espíritos, fazê-los reflectir e decidir, anunciar à humanidade a sua redenção e fazer tremer os covardes, é o ponto luminoso onde as gerações futuras fixarão a vista e as guiará na conquista do bem. Os velhos, os conservadores, os favorecidos, são impenetráveis aos sentimentos que engrandecem a alma e à luz da verdade que a esclarece. São os novos que encetando o caminho da vida hão-de libertar a humanidade, armando o espírito de princípios inabaláveis e o corpo da arma que for mais eficaz conforme o lugar e a ocasião” (ortografia actualizada).

Sobre a “propaganda pelo facto” em Portugal, cf. Ventura, A., *Anarquistas, Republicanos e socialistas em Portugal: as convergências possíveis (1892-1910)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000, especialmente pp. 84-108.

7. A questão do atentado é vastíssima. Refira-se somente a este propósito que, à época, o problema consistia na distinção entre anarquistas revolucionários (“a insurreição armada das comunas”) e anarquistas terroristas, e nas possíveis mediações. Assim, Silva Mendes, *op. cit.*, resumia entre nós o debate: “[...] não esqueçais que a grande massa daqueles que ligam actualmente uma importância ilimitada à expropriação individual – parte infinitesimal da expropriação colectiva – prefeririam participar numa acção colectiva, se tivessem ocasião. Fariam de bom grado melhor e mais. Trabalhemos em criar esta nova situação; pois estamos persuadidos de que aqueles que obram hoje como sentinelas perdidas, correrão a pôr a sua energia ao serviço do movimento colectivo” – pp. 172-173 (ortografia actualizada).

Não querendo ser uma mera recaída no assassinio político, embora não o excluísse como acção punitiva a adoptar em casos pontuais, o atentado é o testemunho do bloqueio da acção insurreccional colectiva. Trata-se de um acto desesperado que mostra que, no Ocidente, a Revolução deixou de ser possível depois da Comuna.

AUTEUR

JOÃO TIAGO PROENÇA

Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa
joatiagoproenca@yahoo.com